

# GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, C. Goodolphim, Ernesto Pires, Gomes Leal, Gerio Var, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, Latino Coelho, Lopes Trovão, Maria L. Caldas, R. Cardoso, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 37

Julho — 1883

2.º anno

## ERNESTO PIRES

I

Portugal, ainda que hoje aperrado a velhos preconceitos, vae tendo já uma certa vida, e não seria facil aos partidos monarchicos, sem grave risco, abafar esta corrente de ideias que hoje circula por este canto do Occidente, insulada pelos partidos avançados.

Ha cincoenta annos que vivemos n'uma paz aparente, e que na melhor ordem temos soffrido todos os vexames possiveis das mãos dos nossos governantes sem levantarmos protestos violentos, aterradores.

Isto é mais uma prova evidente do bom senso portuguez, e da comprehensão do seu estado de forças.

Se por um lado esta especie de apathia, nos parece o symptoma d'uma decadencia total, por outro, raciocinando maduramente sobre o caso, vemos que isto não é mais do que as forças condensando-se, creando d'esta fórma um corpo potente e vigoroso para n'um momento dado por meio d'um embate herculeo, esmagar tudo o que seja anacronico, e espurgar de todos os velhos preconceitos a nossa sociedade.

Quando um povo pensa maduramente na forma e meio da sua emancipação, qualquer emprehendimento de que se sirva para tal fim, nunca periga e os seus resultados são efficazes.

Não é só a razão que no-lo attesta é o rigor da logica que no-lo demonstra: são os factos que a historia dos povos nos aponta. A Edade-Media, foi uma noite de muitos seculos, onde o espirito humano jazeu envolvido sem dar signal de vida; todavia, quando as nacionalidades se constituíam, e consigo as linguas se formavam, de repente surge no ceu d'esse obscurantismo de dez seculos, o facho luminoso da Reforma, e então o espirito humano apparece aureolado com o esplendor da nova ideia. A civilisação romana que ficára abafada com a invasão barbara, e permanecera comprimida no centro dos mosteiros durante a Meia-Edade, fez exclusão pela bocca dos sabios que se espa-

lharam pela Italia, e uma nova era se abriu aos espiritos.

E que o espirito humano não pôde permanecer senão por um tempo limitado e aparentemente n'um *sletagnod*.

Começaram a fundar-se academias e o

urgia portanto proseguir na encetada e laboriosa senda.

As conspirações travaram-se entre as ideias do mundo velho, e as crenças do mundo novo: o choque era certo, mas o resultado duvidoso.

Era preciso uma força potente, vigorosa que escudasse os abençoados principios para que medrassem, e não soffressem as consequencias funestas dos seus inimigos que tentaram por todos os meios, aniquilla-los e restabelecerem o tempo do obscurantismo.

E essa força appareceu; era trazida no seculo xvii por Bacon, Hobbes, Descartes, Leibnitz e Volf.

Estava aberta a estrada que conduzia o homem ao apogeu da sua gloria no carro do progresso.

Ceder campo ao inimigo era dar-lhe elementos de vida; por issourgia esmagal-o por todas as fórmas, aniquilla-o de maneira que o retrocesso não asentasse os seus arraiaes entre o mundo que se começava a desenvolver.

A *Saint Barthelemy*, medida extrema do poder enfraquecido da igreja no seculo xvi veio cavar mais fundo o odio em mistura com o terror contra a igreja de Roma; e o sangue dos innocentes immolados á furia dos canibaeis d'aquella tremenda carnificimia, foi a semente espalhada no solo francez, que em dois seculos de germinação, produziu essa eterna vingança — a Revolução franceza.

As perseguições da igreja de Roma nos seculos xvii e xviii, levadas ao mais subido rigor, faziam nascer todas as ideias, de revolta nos espiritos cheios já de observar os attentados mais nefandos contra o genero humano, commettidos pelos homens de Roma, e pelos reis.

O seculo xviii, foi mais uma estrella redemptora que despontára farta luz no horizonte dos nossos destinos, carregado ainda de trevas dos velhos tempos.

A propagação dos Incyclopedistas foi que veio synthetisar todas as forças de rebellião dentro do poder da igreja, e aniquillar todo o prestigio do poder espiritual. Diderot, d'Hoback, d'Alembert, e Vol-



ERNESTO PIRES

gosto pelo saber a tomar proporções insuperaveis.

Luthero proclama o livre exame e abrindo o caminho á razão humana, atira aos quatro ventos a semem-fecundante das suas doutrinas, e assim levada á maior parte dos paizes catholicos onde germina, produz uma revolução assombrosa.

Tinha soado a hora redemptora a escravidão do pensamento ficara fulminada,

taire, são esses gigantes que coartaram o passo aos inimigos do progresso, e desfanatisaram o povo, inoculando-lhe no amago da alma todo o rancor ao *soit-diant*, ministro do senhor.

As ideias espalhadas por estes grandes trabalhadores, foram-se estendendo a todos os paizes, ás quaes não foi estranho o nosso.

O circulo das persiguições cada vez se estreitava mais e era pelo terror que o jesuitismo queria implantar o seu poderio deveras abalado pelos novos princípios.

Neste seculo XVIII, o povo estava cheio de sofrimentos não só pelo rigor com que era tractado pelos grandes senhores, mas ainda pela fome que lhes ia entrando no seu lar, pela falta de trabalho e pelos impostos excessivos com que os governos absolutos o sobrecarregava.

O reinado de Luiz XV, d'esse rei devasso e inepto, comprometteu, pelos seus dispendios, o estado financeiro do paiz.

O artista sem trabalho, cheio de miséria, via com maus olhos, a corte que se exhibia á sua observação no maior esplendor; porisso, um rancor sem limites foi-se apoderando d'elle e excitando-lhe ideias de vingança.

N'esta epoca os espiritos estavam já bastante desenvolvidos e essa luz que se tinha feito de maravilha se poderia extinguir.

A contracto social de *Rousseau*, primeiro trabalho importante que nos dá ideia da reorganisação social, fez convergir a atenção dos homens levantados em ideias para o estado decadente das sociedades, mostrando que esse mal era devido aos maus princípios da sua organisação.

Impor nma barreira aos desperdícios da corte, dar plena liberdade ao trabalhador de produzir, foi a ideia que sobreveio, immediatamente aos espiritos mais cultos d'aquelle tempo, mas as difficuldades saltaaram de todos os lados, já pela falta de forças, já pelos recursos pecuniarios então difficilissimos de obter.

Luiz XVI, segundo hem á risca as pragmaticas dos seus predecessores, fechava os ouvidos aos queixumes do povo e deixava-se levar pelas blandicias da sua mulher que sempre exerceu sobre elle um predominio absoluto.

A esta mulher é que se devem attribuir todas as desgraças que pesaram sobre a França desde o começo do seu reinado.

O luxo devido ao mais subido ponto, o dispendio extraordinario em bachanaes, foram causa bastante para que a indignação attingisse o seu *zenith*, entre a classe popular.

A fome ia batendo ás portas de Paris; mas o rei em lugar de tomar medidas energicas para serenar os espiritos que já tinham por meio de arruaca mostrado o descontentamento que lhe lavrava no peito, proseguia no pagode.

Foram os desvarios da corte a sua intollerancia que comprometteram todos os seus tramás.

A noticia da demissão a exilo de *Ncker*, veio agitar de tal forma o povo que não mais se fez esperar para dar principio á grande obra da sua emancipação.

Começou a lucta, e se o numero dos que se queriam emancipar era pequeno, para luctar contra os exercitos estrangeiros, e os assalariados da corte, muito grande era a coragem dos que luctavam pela sua independencia para não ficarem vencidos.

Os homens ignorados até ahí, os que menos tinham entrado em questões politicas foram os que se vieram collocar do lado do povo e o dirigiram n'essa lucta gigante.

Marat tinha revolucionado os espiritos, tinha-os chamado á lucta com a sua voz potente por meio do seu jornal! *L'Ami du Peuple*; *Camille Desmoulins*, *Danton* e *Ro-*

*bespierre*, por meio da penna e da palavra, foram, os titans invenciveis n'essa lucta da emancipação humana.

A partir d'este momento, as distincções entre as classes tinham-se extinguido pela proclamação dos direitos do homem; todos eram cidadãos.

A luz brilhante d'esta aureola da liberdade, espalhara-se por todos os paizes e estes desde logo começaram a pensar na sua emancipação.

Portugal n'esta epoca jazia no mais perfeito obscurantismo, e a casa de Bragança, representada por D. Maria I bestialisada pelos jesuitas que a cercavam e iam viçando o principe D. João que, depois nos havia de roubar e fugir para o Brazil, protestava contra as ideias do povo francez e dava altos poderes ao padre para obstar, fanatisando, a propagação aqui d'essas ideias.

O padre foi intrepido e exacto no cumprimento das determinações da sua soberana. Todavia, depois da invasão franceza, o espirito portuguez começou a desenvolver-se vertiginosamente, e a ideia da sua emancipação começou a preoccupar-lhe os sentidos.

Appareceram os homens de 1820 e na constituição que modelaram deram provas evidentes de que os princípios democraticos em Portugal estavam arregaçados.

Não foi duradoura esta forma de governo, mas não podemos queixar-nos senão da tollerancia devida aos inimigos que mais tarde vieram fazel-a caducar; todavia á custa de muito sangue os portuguezes conseguiram que o filho de João VI, lhes d'esse uma carta de alforria — chamada Carta Constitucional.

Desde então os portuguezes parecem estar satisfeitos, e aquelles que não encaram as cousas pelo seu verdadeiro prisma julgam-no sem forças, completamente aniquillado incapaz de qualquer acção valente; todavia este espaço de tempo tem sido gasto em fazer luz, muita luz nos espiritos; tem sido um periodo de incubação, para depois rebentar com mais força.

E ainda assim ve-se que as ideias democraticas tem prosperado muito e muito. Para isto tem collaborado um grande numero de trabalhadores honestos e d'uma elevação de ideias descommunal, entre os quaes se destaca o nosso biographado.

## II

Ernesto Pires, filho de Silvino Bento Pires, nasceu no Porto a 31 de julho de 1857. Ainda creança soffreu uma enfermidade nos olhos que o privou por muito tempo da vista, e, quando a recuperava, fallecia-lhe seu pae (1871).

Sem os carinhos paternos, ficando entregue aos disvellos da sua estremosa mãe, a ex.<sup>ma</sup> sr. D. Maria Ernestina Gomes, o nosso biographado entrou no collegio da Boa-vista da cidade do Porto, e alli, entregue aos cuidados e direcções do padre Miguel Homem Corte Real, estudou linguas e iniciou-se em algumas sciencias sabendo sempre distinguir-se entre os seus condiscipulos.

Em 1875, Ernesto Pires, partiu para o Brazil, onde se conservou apenas um anno.

N'este espaço de tempo, o nosso biographado, não se deixou embalar pela sedução que d'ordinario, em viagens, nos trazem as novas paragens onde nos encontramos; o nosso amigo estudou, meditou e no seu regresso apresentou-nos o seu primeiro trabalho "*Folhas dispersas*".

N'este livro de versos já o nosso poeta nos dava ideia do seu alevantado espirito e das suas ideias revolucionarias que mais tarde se havia de declarar exuberantemente.

## III

Para avaliarmos de poeta, e demonstrarmos a pujança do seu espirito, é necessario estudarmos o meio em que viveu, a sua educação e muito principalmente indagarmos da sua ascendencia. O nosso poeta descende d'uma velha familia senhora da casa de Fundo de Villa.

Um dos visavós paternos do nosso poeta, Affonso Annes Barroso, foi escudeiro do duque de Bragança no reinado de D. João II.

Quando este rei se revoltou contra os fidalgos, Affonso Annes foi um dos que soffreu com as determinações do monarcha, pelo que se viu obrigado a retirar-se da corte e ir habitar para Covas de Barroso, onde fundou uma casa que serve hoje de habitação ao parcho, denominada casa da Freguesia.

Na igreja da freguezia de Covas ainda existe um tumulo cuja inscripção constata o que avançamos e encerra os restos de escudeiro.

D'este fidalgo descende o avô do nosso biographado Francisco Pires, medico pela Escola Medico Cirurgica do Porto.

Pelas suas qualidades de nobresa e pelo seu muito talento litterario-cientifico, foi nomeado, logo depois da sua formatura juiz privativo da real junta de D. João VI, com o privilegio de ninguém, em qualquer parte do reino, poder pedir-lhe satisfação dos seus actos, a não ser a mesma junta pelos quaes e perante a qual elle era responsavel.

Foi um dos caudillos mais estrenuos de D. Miguel de Bragança, a ponto de se revoltar contra aquelles que tivessem a indiscripção de fallar-lhe contra as ideias miguelistas. Foi cirurgião-mór do regimento de cavallaria de Chaves e Bragança.

Nas guerrilhas que o general Silveira formou na provincia de Traz-os-Montes foi elle quem mais se distinguio e o que, com mais fel, combateu até o dia em que, pelo tractado de Evora-Monte, D. Miguel era obrigado a sahir de Portugal.

Durante a sua vida nunca pode ouvir pronunciar o nome de constitucional: isto produzia no seu espirito o mesmo effeito que a palavra — Republica — produzia aos ouvidos de *Burko*, orador distincto dos fins do seculo XVIII.

Ernesto Pires teve dois tios frades de S. Domingos um dos quaes foi nomeado pregador regio, sabendo conquistar na tribuna sagrada um dos primeiros lugares.

Por aqui se pôde avaliar da estirpe do nosso biographado, e quaes as ideias que podia herdar de sua familia.

Quando a familia é aristocrata, d'ordinario os principios em que educam os filhos são sempre retrogrados e para que se emancipem é necessario uma força de vontade inexcedivel, e um talento não vulgar para bem comprehenderem o caminho da justiça e do direito, para d'esta forma se revoltarem contra os velhos preconceitos e fazerem a sua communhão nas novas ideias.

Louvavel é portanto aquelle que assim procede!

Ernesto Pires depois d'uma vida cheia de accidentes, e d'uma educação toda jesuitica, deu provas d'uma grande capacidade moral, d'um elevado talento, emancipando-se da tutela que o accorretava ao mundo velho, para entrar na phalange dos homens do futuro, dos luctadores da nova ideia.

Desde o seu primeiro livro até a sua ultima quadra, o poeta apparece-nos cheio de fel contra os jesuitas, o maior flagello da humanidade — segundo a sua opinião que nós perfilhamos.

Em 1880, foi-nos o illustre poeta apresentado.

Conheciamo-lo apenas de nome, e apre-

ciaram as suas crenças políticas pelos seus artigos violentos, causticos, que elle então publicava n'um jornal que redigia na cidade do Porto.

Olhou-nos, depois d'um comprimento laconico, atravez da sua luneta de 4 grãos e n'aquelle olhar cheio de vida penetrante, parecia formular-nos uma pergunta a respeito da nossa fé politica.

— É preciso esmagar o padre, para destruímos a realisa, balbuciu elle, dirigindo-se-nos.

E depois continuou: — Porque o padre é a escora do throno, e, aniquilando-se, os sceptros hão-de cahir por terra.

Isto foi dito n'aquella convicção de quem tem a consciencia do seu dever de cidadão honesto e probo.

Foi alli que resolvemos tomar conta da redacção do *Norte Republicano* de camaradagem com o nosso amigo e distincto academico José da Costa e Silva.

Infelizmente o *Norte* teve de findar os seus dias, pela incuria e vilania do proprietario Lamares.

Desde então as nossas relações estreitaram-se deveras, e isto devido ás suas crenças politicas e ás suas ideias revolucionárias.

Como homem, Ernesto Pires, é d'uma bondade inexcusable, d'uma honradez e firmeza de caracter a toda a prova.

IV

Fallar de Ernesto Pires como poeta, avaliar-lhe as suas produções já hoje em grande numero, não é para o espaço que nos é concedido na *Galeria Republicana*; todavia diremos só o necessario para que as suas obras sejam conhecidas do leitor.

Em 1878, publicava Ernesto Pires a *Voç do Povo*.

Este trabalho é a confissão do credo politico do seu auctor. A concepção grandiosa dos pensamentos é modelada em versos d'uma sonoridade extraordinaria.

O poeta promete-nos uma nova edição.

N'este mesmo anno, publicou de camaradagem com o insigne poeta e distincto academico José Leite de Vasconcellos, o *Cancioneiro Portuguez*.

Esta publicação foi editada pelo proprietario do typographia Occidental.

Em 1881, editou-se o *Evangelho da Revolução*.

Em 1883, appareceu a 2.<sup>a</sup> edição feita por Antonio Camacho Nogueira.

N'este mesmo anno publicou *O legado d'um rei, Canções da Canalha*, trabalhos que lhe valerão uma carta do poeta mais potente d'este seculo — *Victor Hugo*.

Estes trabalhos foram editados pelo proprietario d'esta *Galeria*.

Deu mais á luz n'este anno um opusculo, *O Poeta Moribundo*, traducção d'uma poesia de Lamartine, valendo-lhe uma carta-apreciação do illustre romancista Camillo Castello-Branco.

N'estes ultimos tempos publicou a *Resposta ao Insulto Brigti*, valendo-lhe uma carta do major *Quillinan*, publicada no *Primeiro de Janeiro*.

Por occasião do tri-centenario de Camões, publicou o nosso illustre poeta os dois opusculos seguintes:

A *Voç da Consciencia* editada pela livraria Cruz Coutinho da cidade do Porto; e a *Alma de Camões* editada por Clavel & C.<sup>a</sup> — Porto.

Ultimamente publicou um volume de poesias intitulado *Scintillações e Sombras* editado por Costa Valbom e um opusculo valente — *Abaixo o Jesuita!* edição de Silva Mendonça.

Ernesto Pires além do já grande numero de livros publicados, tem collaborado n'um grande numero de jornaes d'esta ci-

dade, onde nos tem dado todas as provas do seu vigoroso talento.

Como jornalista é energico, violento e ás vezes chega a ser enoxoravel, intollerante para com os seus adversarios. Tem artigos politicos d'um valor enexcedivel e é pena que fiquem dispersos e não sejam colleccionados em volume.

Como poeta é, por vezes, d'uma irreprehensibilidade a toda a prova, e se no genero lyrico é sublime como no-lo dá a conhecer na *Alma de Camões*, na poesia revolucionaria, podemos garantir que, honradamente, segundo o nosso modo de ver, pode collocar-se, pela concepção das suas poesias, ao lado de Gomes Leal, e se bem que ás vezes é pouco escrupuloso na arte, é mais respeitador d'ella e comprehende-a melhor ainda do que o auctor das *Claridades do Sul*.

Se possessemos dispor de mais espaço transcreveríamos a poesia *Pranto de Camões* que mereceu as honras de ser traduzida em francez, por *B. Orfeuvre*, e em catalão por *Conat Rowe*, porem como nos não é possivel fazer-lo, nem fazer uma apreciação dos trabalhos do poeta como desejáramos, reservaremos isso para outros numeros, onde rigorosamente daremos aos leitores da *Galeria* ideia do merecimento dos trabalhos do nosso illustre biographado.

Porto

GERIO VAZ.

REPUBLICANOS BRAZILEIROS

PALAVRAS INDISPENSÁVEIS

(Continuação)

Diz a versão popular que fôra assassinado cobardamente no mysterio da sua prisão e com elle a dignidade nacional, que, n'estes ultimos movimentos — dos quaes os de Pernambuco, Minas-Geraes e Rio Grande foram os mais graves e duradouros que revolucionaram o paiz na sua curta existencia historica! fez o supremo esforço desesperado de uma grande força que succumbia lutando.

O imperante, que por esse tempo era um mancebo de vinte e quatro annos de idade, comprehendeu entretanto que n'essas dissensões, bem como nas que haviam arrebatao do throno a seu pai e antecessor, o pensamento republicano interferira menos como um grito de guerra do que como palavra de conciliação para chamar á esferá da ordem a nação conflagrada pelas rivalidades violentas das duas facções justamente que constituem o partido monarchico, o partido com que a coroa divide a direcção do estado e que são conhecidas sob as denominações de *conservadora* e *liberal*. Este caracter de pacificação inquietou-o e com razão porque impressionava sympathicamente o elemento moderado, neutro, laborioso da sociedade. — Era um perigo que urgia de prompto comprometter e vencer.

Para esse fim offereciam-se-lhe dous processos: — o da aggressão directa, franca e rude; e o do ataque, caviloso, obliquo e brando.

O primeiro não se compadecia com a educação jesuitica que recebera e nem com o temperamento meticuloso de que o quinholára a natureza. Demais, como justificaria a gratuidade da aggressão contra um adversario que não o provocára a combate? ...

Preferiu, por consequencia, o segundo como mais irresponsavel e menos arriscado. E houve-se discretamente porque com elle obteve um exito superior talvez ás suas proprias previsões.

A intervenção conciliadora do pensamento republicano era motivada pelas discordias civis em que a nação tantas vezes

se estrefagára; a estas eram resultantes das rivalidades que extremavam hostilmente as duas facções monarchicas. O que lhe competia, pois, para obrigar o pensamento republicano ou a recolher-se ou a entrar no campo aberto da revolução e onde lhe era permitido, em nome da legalidade, mover-lhe guerra encarniçada, sem armisticios, nem piedade? — Supprimir as rivalidades, conjurando as causas que a determinavam.

Ora, as causas d'essas rivalidades provinham — um pouco da divergencia dos programmas politicos que ainda diferenciavam, posto que imperceptivelmente, as duas facções militantes; — sufficientemente das arbitrariedades e vexações exercidas contra a facção decahida pela facção dominante; — bastante da preferencia que o imperante revelava pela facção *conservadora*; — e principalmente da ambição de governar que impacientava uma e outra facção quando apeada do poder. O caminho, portanto, a seguir para chegar a seus fins estava indicado ...

Assim, com chamar em periodos regulares e equitativamente ora uma, ora a outra facção a compartilhar consigo a direcção do estado, com fingir a mesma benevolencia para com ambas as facções, com nomear para os cargos publicos alguns adversarios da facção que occupava no momento o poder, com induzir a facção dominante a realisar mystificadamente as ideias da facção temporariamente decahida, conseguiu unificar as duas facções belligerantes em um só bando sem principios nem estímulos, sem orientação nem iniciativa e subservientemente docil aos caprichos da sua vontade soberana.

Houve quem protestasse contra esse manejo trapaceiro que ia dar na annullação dos partidos militantes, indispensaveis ao equilibrio das funcções constitucionaes da autoridade monarchica e sobretudo no estabelecimento do poder pessoal do imperante: — foi Eusebio de Queiroz — um dos raros monarchistas honradamente convictos, — um dos poucos homens politicos do Brazil que não hypothecaram a consciencia pelas posições officias. Convidado a partilhar do poder executivo, precisamente quando o imperador a titulo de fraternisar as suas duas facções partidarias ensalava o exercicio da sua influencia individual, o notavel estadista chegou a vestir o fardão ministerial, mas para logo o despir, proferindo a seguinte interjectiva queixosa que correu immediatamente todos os alveos da publicidade e que a memoria popular guardou como denuncia das pretensões absolutistas do chefe do estado: "*Neste paiz um homem de dignidade e patriotismo não pode ser ministro duas vezes!*"

— É que o eminente politico percebera que aquelle fardão começava de se destalhar na "*libré dos lacaios do paço*", como mais tarde havia de ser dito por um tribuno parlamentar, que não se desdignou, entretanto, de o vestir com certo desvanecimento mal contido.

A denuncia foi confirmada por alguns do proprio bando monarchico, que a repetiram nos seus artigos e discursos para armar aos applausos da nação e apparentarem assim um prestigio que não tinham... O imperador comprehendeu-os; e, tendo na conciliação que effectuára das suas duas facções partidarias aprendido a desarmar despeitos e hostilidades, chamou-os opportunamente a um, repartiu com elles o poder, tolerou mesmo que exercessem voluntariamente os direitos do estado até o ponto em que as irritações não podem ser provocadas, lisongejou-os com uma simulada intimidade cordial, cobriu-os de honrarias e elogios, conseguindo d'est'arte que elles, que na vespera o haviam accusado de usar e abusar do poder pessoal, proclamassem —

parvos ou corrompidos! — no dia seguinte e com a gravidade das suas posições officiaes o constitucionalismo escrupuloso do amo e senhor... d'elles. Com esses, que não se pejaram de escandalisar a coherencia honesta! houve alguns, d'entre os proprios que nas ultimas revoluções se tinham agitado em nome do pensamento republicano! que abdicaram das convicções ostentadas, dos brios politicos, do pudor individual aos pés do throno! e um com tão excessivo radicalismo que, mudando de ideias, conseguiu mudar tambem de côr, ficando, de mulato que era, transformado em... *assa* com o auxilio de um banho chimico, em que deixou o pygmento cutaneo. — Este... chamava-se Filippe Lopes Netto e tem sido representante do Brasil em quasi todas as republicas hespanholas d'America, como foram senadores, ministros, titulares, grandes emfim do imperio os outros que foram seus companheiros de apostasia.

O povo, que assistiu a esse espectáculo desolante, opprobrioso e deploravel, perdeu a fé nos partidos e a confiança nos seus homens politicos; e a intuição republicana occultou-se envergonhada e sem esperanças no refolho mais secreto e inviolavel da consciencia nacional.

O paiz tolhido nos seus assomos de independencia e hombridade cahiu, portanto, rendido nas mãos do soberano.

Era preciso, contudo, vencel-o e subjugal-o de todo... para evitar porventura a convulsão derradeira da sua dignidade moribunda. Não difficil: o trabalho e a instrução nacional — estes dous grandes instrumentos com que os governos affieçoam os povos a seu geito e de conformidade com as suas conveniencias! estavam por organisar. Então o imperante modelou o ensino pelos anachronicos processos theologico-metaphysicos dos quaes a ideia de deus e as ficções do monarchismo-constitucional decorrem como verdades supremas, verificadas e axiomáticas; e, em vez de proteger o desenvolvimento das fontes naturaes de riqueza do paiz afim de garantir independencia á actividade individual no campo do trabalho, augmentou o funcionalismo publico. Empolgada assim pelo cerebro e pelo estomago... a sociedade submetteu-se-lhe á descrisção.

Era imprescindivel agora corrompel-a. Cobrindo de titulos os homens com quem dividia o poder e consentindo até que elles por todos os meios delapidassem a fortuna publica em proveito proprio e no interesse dos parentes e amigos, excitou a vaidade e a cubicia individual dos seus subditos a um estado de acuidade que bem mereciam ser classificadas no quadro da nosologia social.

Foi um delirio: todos quizeram ser ricos e nobres... E foram-o: — politicos, sabios, litteratos, artistas, industriaes, commerciantes e até passadores de *notas falsas* e mercadores de carne humana!... Nunca se viu d'aquillo... e a fama em que o governo andava, sob as inspirações imperiaes, distribuindo honras e referendando contractos, liberalisando sinecuras, decretando gratificações ruinosas todas aos haveres e ao pudor de um povo. Para obter tudo isso exigia-se apenas dos concessionarios uma cousa que executaram com o desplante da imbecillidade ou do cynismo: — aviltarem-se tanto e tanto deante do throno que a dignidade humana velasse o rosto para não ver as obscenidades que elles deixavam á mostra. Fazia nojo tanta baixeza! e de tal displicencia affectou o povo que houvesse ainda um patriota capaz de lhe inspirar confiança e esse mesmo não logriaria levantar-o n'um impeto de indignação honesta para castigar os auctores de tão sordido desmorroneamento moral; por isso na sombra para onde o arremessaram preferiu con-

gelar-se n'essa modorrenta indifferença para os negocios publicos que o recommenda ás preoccupações dos sociologistas, mas na qual evidentemente lhe assiste a convicção de que uma sociedade, ou pelo menos a classe dirigente que a domina, é um producto legitimo do regimen governamental que sobre ella actua. Parece que já era o bastante para a consolidação da sua «monarchia-constitucional-representativa-absoluta», como bem a definiu o historiador mais entendido e probo do Brasil, o finado dr. Mello Moraes: — os directores da nação eram... um intestino lycorexico a digerir lorpamente, caninamente, bestialmente e o resto um... esterquilino.

Comtudo, para que essa podridão abençoasse o seu *poder pessoal* resolveu imporse-lhe pelo despotismo da admiração que a sabedoria inspira.

É verdade que ainda não havia vertido para portuguez mascavado e em metro quebrado o hymno nacional dos nossos irmãos da America do Norte e não tinha assignado a prosa anti-grammatical da carta com que despediu o ultimo ministerio conservador de 1878; é verdade que o astronomo padre Secchi ainda não o havia qualificado de *charlatão* após a visita que elle fizera ao observatorio do sabio sacerdote italiano e nem tinha agradecido em francez de collegial estrangeiro a honra que lhe dera a «sociedade geographica de Londres», admittindo-o em seu gremio; é verdade que ainda não havia visitado os grandes estabelecimentos da illustração européa depois de os ter mandado percorrer, na vespera, pelos aulicos que o acompanharam nas suas duas famosas viagens e nem tinha conquistado da astucia e da bajulação estrangeiras, as glorias de genio; é verdade que se não havia ainda interessado pela passagem de Venus, em telegrammas expedidos do novo para o velho mundo e nem se tinha recommendado pelo unico discurso que invariavelmente dirigiu a cada um batalhão nacional que voltava da ultima campanha em que nos batemos com um povo americano como o nosso; é verdade que um discipulo de Renan não lhe havia ainda endireitado nas mãos um livro arabe que elle segurava de pernas para o ar e nem tinha sido celebrado como auctor de uma pilha de obras que estão até hoje por... apparecer.

Em compensação, porém, já havia produzido a celebre quadra:

O bondoso acollimento  
do fiel povo itano,  
gravado fica no peito  
do seu grato soberano (III)

e tinha transcripto para o *album d'uma dama*, assignado por si e como propriedade sua, uns versos de Garção, celebrando a missão difficilissima dos reis; já havia tomado a paternidade da traducção que o finado conselheiro J. Feliciano de Castilho fez de uma poesia de Metastasio e que teve em Portugal uma edição de luxo e tinha publicado nos chochos almanachs do visconde de Castilho os chilros sonetos de um «alto personagem»; bem como tambem nos exames a que assistia nos cursos secundarios e superiores dos estabelecimentos de instrução da capital do seu imperio já tinha inclinado chromaticamente e vivamente a cabeça para approvar os dislates com que respondiam ás interrogações dos professores os estudantes cabulas ou estupidos.

Era o sufficiente para arrancar as ovações de um paiz em que a classe dirigente fazia consistir todas as funções da sua vida moral e physica na vaidade de titulos e na fome phagedenica de riquezas.

Então os sabios officiaes do imperio, que por sua influencia estavam á testa do en-

sino publico e os que lhe haviam alugado a consciencia pelas condecorações e os pingues empregos recebidos, proclamaram-no, de conformidade com a especialidade scientifica, litteraria, artistica e industrial que exerciam, a principio alternadamente e depois simultaneamente, orchestralmente, em côro, — o primeiro medico! — o primeiro jurisconsulto! — o primeiro engenheiro! — o primeiro astronomo! — o primeiro polyglota! — o primeiro orador! — o primeiro poeta! — o primeiro drogista! — o primeiro... fabricante de chapéus de sol! — o primeiro em summa em todas as manifestações e affirmações do pensamento e da actividade humana. Falto apenas que o proclamassem — o *mercador inexcedível!*... naturalmente porque a esse titulo já começava de fazer jus o principe francez a quem elle entregára em casamento a filha mais velha — herdeira presumptiva da corôa.

A vaidade do imperante não se fartou com essas primicias ignobeis da bajulação servil: quiz ser tambem — o primeiro cabo de guerra do Brazil!

As machinações ferrenhas, egoisticas e insidiosas da nossa politica externa protegeram-o: — nas fronteiras do imperio estourou como um bulcão incandescente e terrivel a guerra do Paraguay. Propicio foi o momento: era preciso não o perder. E elle soube-o, surgindo, longe da espectativa de todo o nosso exercito que n'aquella campanha se havia enopado já no sangue de muitas batalhas, no campo da acção, frente a frente a uma das cidades do inimigo, que capitulou sem resistir... porque Estigarribia — o general encarregado de a defender, tinha recebido em dinheiro imperial o premio da traição nefanda pelo qual vendera a patria!

Representatão ridicula comedia voltou costas ao theatro da guerra com a mesma celebridade e inexpectação com que para lá fóra, abandonando os nossos soldados ás sangrentas scenas tragicas com que iniciaram a campanha.

Os aulicos para logo se apossaram d'elle, fizeram-lhe uma apothese com as estrophes mais arrebatadas dos seus bardos, as mais retumbantes exclamações dos seus oradores, os hymnos mais entusiasticos dos seus musicos, os mais irresistiveis sorrisos de suas mulheres; e assim thuriferado apresentaram-no ás aclamações dos contemporaneos.

Era impossivel que a essa orgia embriagante da adulação faltasse a nossa estatuaría strabisca, coxa e maneta. Essa, com o fim de lhe eternisar o vulto e a estampa do resignado corcel que o carregava ante a cidade rendida, argamassou com os pés e a unica mão que lhe restava algumas pás de gesso e produziu o ridiculo estafermo monstruoso que, na forma de estatua equestre, se ostenta boçalmente na nossa «Academia de bellas-artes» — um barracão sem luz, sem ar, sem gosto, dividido em tres ou quatro secções irregularissimas mas por motivo de cuja fachada dão pinchos gaudescentes as vaidades dos nossos pseudo-criticos... em artes!

Tentaram mesmo passar para o marmore ou para o bronze o modelo de desastroso. O pundonor imperial, porém, insurgiu-se contra essa derradeira prova da baixeza cortezá. Foi um momento aquelle periclitante para o throno; a modestia imperial teria provocado uma rebelião palaciana se o monarcha não a conjurasse suprehendendo-a com dous gestos magnificos — um com a sinistra, derramando a cornucopia das graças sobre os glorificadores da sua reputação marcial, — o outro com a dextra, emprazando a posteridade para fundir a estatua modelada do ouro mais precioso das nossas minas opulentas.

(Continúa)

LOPES TROVÃO.